O Fracasso e a Criação(1)

Gostaria de convidar você para caminhar um pouco comigo pelas vielas tortuosas e desconfortáveis do fracasso. Este ensaio propõe uma reflexão sobre uma possível arquetipia do fracasso como parte de um todo que contempla a criação. Seria a criação o outro lado do fracasso? Estaria o fracasso destinado à criação? Fracasso como necessidade cíclica que propicia a criação, a ampliação da consciência e a realização da teleologia da psique. E, não o fracasso como derrota se contrapondo a sucesso como vitória. A partir da minha reflexão sobre o tema compreendi que falar sobre fracasso é caminhar em terrenos pantanosos, é começar e terminar o texto com mais dúvidas que certezas, é me expor ao fracasso, mas, vou pedir licença e correr o risco!

O fracasso, conforme a percepção do ego, solapa os ideais de perfeição e exuberância que permeiam o imaginário coletivo de nossa época. Ficamos à margem dos sucedimentos. O sentimento de fracasso nos rapta dos picos ensolarados do sucesso a qualquer preço que nos mantém escravos do mundo externo (2) e nos força a descer a vales sombrios onde revela imagens da alma. O fracasso nos conclama a interioridade.

(3) O arquétipo da **Criação**, em contrapartida, nos remete à imagem do Deus Criador - O Onipotente - e nos alça às alturas onde habitam os ideais.

(4) Fato é que o fracasso nos leva, invariavelmente, a falar com Deus.

Mas, que aparências tem este temível intruso?

Conforme Houaiss, o sentido da palavra ‘fracasso’ é ‘som’; ‘som’ emitido por uma queda. O fracasso não é evento literal, não é fato objetivo. É música do evento. (5) É história que narra o sabor que aquele fato deixa na boca.

Sinto que o fracasso caminha passo a passo com as mais acalentadas intenções do ego. Ele é amargo e provoca lágrimas salgadas. Ele é decepção. Na alquimia o amargor (a *amaritudo*) nasce da decepção que por sua vez é a origem de todas as cores, isto é, dos sentimentos.

O fracasso revela as imagens coloridas que se ocultam na sombra.

A palavra “sal” nos textos alquímicos, conforme Hillman indica a base estável da vida, sua terra, seu chão, seu corpo. O sal seca, conserva, confere substância.(6)

As lágrimas salgadas secam ilusões, caprichos, expectativas vãs e fixam o que é genuíno. O fracasso confere subjetividade.

Ainda, fracasso tem cara de tragédia, drama que encena a agonia da personalidade sufocada pela *persona*. Ele corrói a máscara e escancara a fragilidade e a liberdade de ser quem sou. O fracasso parece nos querer livres, loucos e almados. (7) Ele nos fixa na dor enquanto não pudermos rir de nós mesmos. Rir de nossos fracassos. A tragédia do fracasso nos propõe seu oposto a comédia!

O fracasso não pede licença, ele rapta. O arquetípico intruso nos abduz da dinâmica das repetições infernais de uma vida no automático, sem entusiasmo, sem significado, nem profundidade e nos atira no caldeirão psíquico onde os excessos, a arrogância e a ilusão de poder se dissolvem em humilhação, desamparo, desmoralização.

(8) Jung (1979, § 346) diz que: “... o inconsciente se volta contra o consciente, numa atitude hostil ou inadvertida, quando este último assume uma posição falsa ou pretensiosa.

O que parece querer o fracasso?

O rapto de Core nos oferece uma analogia: ele rompe a simbiose mãe/filha e modifica a rotina, tanto na superfície dos campos floridos como no infernal mundo do Hades. Core deprime, chora no subterrâneo enquanto Demeter se desespera e seca a terra. O “Obscuro deus” exige resgate. Sua paga é o sacrifício da personalidade limitada da ingênua Core.

(9) O verdadeiro fracasso dita o sacrifício. Ele pede que sacrifiquemos justamente aquilo que custa muito sacrificar. Ele quer as ilusões de poder do ego. No meu fracasso fracassa o ego.

(10) Jung (JUNG, 2003, § 66) diz que:

Trata-se da renúncia a nossos próprios poderes, não artificialmente desejada, mas naturalmente imposta; não de uma submissão e humilhação voluntárias acionadas pela moral, mas uma derrota completa e inequívoca, coroada pelo pavor pânico da desmoralização.

Fracasso também ameaça com perigos

Core poderia ficar cativa da depressão, culpar o outro, o mundo e calar outras vozes que falam nela. Jamais seria Perséfone, a Rainha do Hades .Também, identificados com o fracasso ,podemos estacionar na encruzilhada da inveja. (11) Invejando o sucesso do outro tornamo-nos escravos do sangue e do sal da vida alheia. Ainda, há o perigo de ‘despedaçamento’ total: para sempre perdidos no turbilhão caótico do inconsciente.

(12 ) Jung (2003, § 66) diz que:”Só quando todas as muletas e arrimos forem quebrados e não se puder mais contar com qualquer proteção pela retaguarda, só então nos será dada a possibilidade de vivenciar um arquétipo, que até então se oculta na significativa falta de sentido da anima. É o arquétipo do significado ou do sentido, tal como a anima é o arquétipo da vida.”

Então, existiria uma função no fracasso?

(13) Parece-me que o fracasso tem uma função simbólica respeitável: o indesejável mensageiro do si-mesmo nos visita a todos e vem com autoridade, e força sugestiva capaz de levar o homem a se realizar.

Talvez não estejamos tão desprotegidos nem tão destruídos assim nos fracassos da vida. Este *psicopompo* nos oferece, no mínimo, uma chance de transformação. É bem verdade que não leva em conta nossas mais acariciadas expectativas. O ardiloso *diabolon* se arremessa através de nossos ideais e concede chão à intencionalidade da psique.

Algo maior parece se processar por detrás de sua ruidosa aparição e se manifesta na tensão entre o ego, entidade que não cria (discrimina, repete, mantém), e o inconsciente, que não diferencia (nele tudo é tudo).

A imagem que me vem à mente é de uma luta, ou dança. Mas escolho a dança: A dança entre a *hybris* do ego, e as investidas do soberano inconsciente desenrola-se no compasso da destruição de velhos padrões, já obsoletos. O inconsciente avança, força a passagem, o ego amedrontado, com toda a razão, se retrai ,reforça a guarda de suas já fracassadas ilusões. Num dado momento há uma explosão de afetos: fende-se o chão onde nascera o mais belo narciso, racha-se a terra dura ou, a cabeça dura da consciência do ego.

(14) O inconsciente comete o rapto e força a consciência a despir-se de suas certezas, de seus comodismos, de seus caprichos fúteis. Ela, agonizante se submete. É estuprada pelo desconhecido. Incuba-se a criação.

Paradoxalmente, ao mesmo tempo, o inconsciente depende de um ego forte, capaz de acolher sua própria ressurreição. Precisa de um ego batizado no sal e no fogo do inferno que se disponibilize a gestar o novo conteúdo.

Só então, por meio de uma atitude consciente do ego manifesta-se o inconsciente: Revela-se a Criação. (15)

O sucesso, isto é, o acolhimento (pelo ego) deste chamado arquetípico,o sucesso, isto é , a realização da função do fracasso leva a criação. Poderíamos, desta forma, arriscar dizer que : O sucesso do **Fracasso** é **Criação**.

Já, para falar com Deus ...

Se eu quiser falar com Deus

Tenho que aceitar a dor

Tenho que comer o pão

Que o diabo amassou

Tenho que virar um cão

Tenho que lamber o chão

Dos palácios

Dos castelos suntuosos,

Do meu sonho.

Tenho que me ver tristonho

Tenho que me achar medonho

E apesar de um mal tamanho

Alegrar meu coração. (GIL, 1990).

Referências Bibliográficas:

BRANDÃO, J. de S. *Mitologia Grega - Volume I*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_\_. de S. *Mitologia Grega - Volume II*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

\_\_\_\_\_\_. de S. *Mitologia Grega - Volume III*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

FERREIRA, A. G. *Dicionário de Latim-Português*. Porto: Porto, 1997.

GIL, Gilberto. Se eu quiser falar com Deus. Elis Regina. Rio de Janeiro: RGE, 1990. 01 disco compacto (7:34 min): digital, estéreo, CD-342.6070.

HOUAISS, A.. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa - 3 volumes*. São Paulo: Temas e debates, 2003.

JUNG, C. G. *Estudos Alquímicos, O C, volume XIII*. Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_\_. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo, O C, volume IX/1*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_\_. *O Eu e o Inconsciente, O C, volume VII/2*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

\_\_\_\_\_\_. *Símbolos da Transformação, O C, volume V*. Petrópolis: Vozes, 1989.

\_\_\_\_\_\_. *Tipos Psicológicos, O C, volume VI*. Petrópolis: Vozes, 1991.